

## 50. MARIA: MÃE DE CRISTO E DA IGREJA

963-975



### INTRODUÇÃO

A catequese sobre Maria, muitas vezes, é apresentada como o que difere os católicos dos “evangélicos”. Nesse sentido, não seria melhor falar menos de Maria e mais de Jesus?

O Catecismo da Igreja Católica não deixa dúvidas: a catequese mariana consiste em falar da Virgem Maria em relação ao mistério de Cristo e do Espírito e em relação ao mistério da Igreja (cf. 963). Fora dessas duas relações é metodologicamente inadequada a catequese mariana.

Para o Catecismo da Igreja Católica o papel e a função de Maria não são corretamente compreendidos fora da história da salvação. Deus iniciou o diálogo com a humanidade com a criação do homem e da sua elevação a um esplendor de graça e de justiça (cf. 54), que infelizmente foi perdido com o pecado da desobediência dos nossos progenitores. Tal pecado não interrompeu o diálogo da revelação (cf. 55). Deus estabeleceu a Aliança com Noé, Abraão e Moisés. Promete uma nova aliança, eterna e inscrita no coração (cf. 64). Nesse sentido, Maria é a realização perfeita da obediência da fé (cf. 144) e o modelo da resposta de fé que Deus espera dos homens.

Em Maria age o Pai que a abençoou com todas as bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo (cf. 492). Nela age o Filho que a escolheu como colaboradora na obra da redenção (cf. 964). Age nela o Espírito Santo que faz dela nova criatura (cf. 493). Por isso, “Maria, a Mãe de Deus toda santa, sempre Virgem, é a obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo” (721).

Com efeito, Maria não esgota tudo o que o Filho e o Espírito realizam. Mas ela é o sinal mais transparente, o ícone mais bem-acabado da obra salvadora e santificadora de Cristo e do Espírito.

Maria não é um mero personagem do passado, sem relação com os cristãos do presente e com os homens de nosso tempo. Ela continua agindo e colaborando na obra da salvação e se relaciona com a Igreja que peregrina neste mundo. Maria pertence à Igreja e, como tal, desempenha nela a função materna na ordem da graça (cf. 963-970). E a Igreja, por sua vez, corresponde à presença e atuação de Maria na história da salvação mediante um culto especial (971).

Por isso, “depois de ter falado da Igreja, de sua origem, de sua missão e de seu destino, a melhor maneira de concluir é voltar o olhar para Maria, a fim de contemplar nela (Maria) o que é a Igreja em seu mistério, em sua peregrinação da fé, e o que ela (a Igreja) será na pátria, ao término de sua caminhada, onde a espera, na glória da Santíssima e indivisível Trindade, na comunhão de todos os santos, aquela que a Igreja venera, como a Mãe de seu Senhor e como sua própria Mãe” (972).

## **TEXTO 963-975**

### **PRIMEIRA PARTE**

#### **SEGUNDA SEÇÃO: A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ**

##### **CAPÍTULO III: CREIO NO ESPÍRITO SANTO**

##### **ARTIGO 9: CREIO NA SANTA IGREJA CATÓLICA**

##### **PARÁGRAFO 6: MARIA – MÃE DE CRISTO, MÃE DA IGREJA**



**963.** Depois de termos falado do papel da Virgem Maria no mistério de Cristo e do Espírito, é conveniente considerarmos agora o seu lugar no mistério da Igreja. «Efetivamente, a Virgem Maria [...] é reconhecida e honrada como verdadeira Mãe de Deus e do Redentor [...]. Ao mesmo tempo, porém, é verdadeiramente “Mãe dos membros (de Cristo) [...], porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela Cabeça”» (525). «Maria, [...] Mãe de Cristo e Mãe da Igreja».

## I. A maternidade de Maria em relação à Igreja

### Inteiramente unida a seu filho...

**964.** O papel de Maria em relação à Igreja é inseparável da sua união com Cristo e decorre dela diretamente. «Esta associação de Maria com o Filho na obra da salvação, manifesta-se desde a concepção virginal de Cristo até à sua morte». Mas é particularmente manifesta na hora da sua paixão:

«A Bem-aventurada Virgem avançou na peregrinação de fé, e manteve fielmente a sua união como Filho até à Cruz, junto da qual esteve de pé, não sem um desígnio divino; padeceu acerbamente com o seu Filho único e associou-se com coração de mãe ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que d'Ela nascera; e, por fim, foi dada por mãe ao discípulo pelo próprio Jesus Cristo, agonizante na Cruz, com estas palavras: “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19,26-27)».

**965.** Depois da Ascensão do seu Filho, Maria «assistiu com suas orações aos começos da Igreja». E, reunida com os Apóstolos e algumas mulheres, vemos «Maria implorando com as suas orações o dom daquele Espírito, que já na Anunciação a cobrira com a Sua sombra».



### Também na sua assunção

**966.** «Finalmente, a Virgem Imaculada, preservada imune de toda a mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrena, foi elevada ao céu em corpo e alma e exaltada pelo Senhor como rainha, para assim se conformar mais plenamente com o seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte». A Assunção da



santíssima Virgem é uma singular participação na ressurreição do seu Filho e uma antecipação da ressurreição dos outros cristãos:

«No teu parto guardaste a virgindade e na tua dormição não abandonaste a mundo, ó Mãe de Deus: alcançaste a fonte da vida. Tu que concebeste o Deus vivo e que, pelas tuas orações, hás de livrar as nossas almas da morte».

### **Ela é nossa Mãe na ordem da graça**

**967.** Pela sua plena adesão à vontade do Pai, à obra redentora do Filho e a todas as moções do Espírito Santo, a Virgem Maria é para a Igreja o modelo da fé e da caridade. Por isso, ela é «membro eminente e inteiramente singular da Igreja» e constitui mesmo «a realização exemplar», o *typus*, da Igreja.

**968.** Mas o seu papel em relação à Igreja e a toda a humanidade vai ainda mais longe. Ela «cooperou de modo inteiramente singular, com a sua fé, a sua esperança e a sua ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É, por essa razão, nossa Mãe, na ordem da graça» (535).

**969.** «Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto da Cruz, até à consumação perpétua de todos os eleitos. De fato, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna [...]. Por isso, a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e medianeira».

**970.** «Mas a função maternal de Maria para com os homens, de modo algum ofusca ou diminui a mediação única de Cristo, mas antes manifesta a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salutar da Virgem santíssima [...] deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia». «Efetivamente, nenhuma criatura pode ser equiparada ao Verbo Encarnado e Redentor; mas, assim como o sacerdócio de Cristo é participado de diversos modos pelos ministros e pelo povo fiel, e assim como a bondade de Deus, sendo uma só, se difunde variamente pelos seres criados, assim também a mediação única do Redentor não exclui, antes suscita nas criaturas, uma cooperação variada, que participa dessa fonte única».



## II. O culto à Santíssima Virgem

**971.** *«Todas as gerações me hão de proclamar ditosa»* (Lc 1,48): «a piedade da Igreja para com a santíssima Virgem pertence à própria natureza do culto cristão». A santíssima Virgem «é com razão venerada pela Igreja com um culto especial. E, na verdade, a santíssima Virgem é, desde os tempos mais antigos, honrada com o título de "Mãe de Deus", e sob a sua proteção se acolhem os fiéis implorando-a em todos os perigos e necessidades [...]. Este culto [...], embora inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração que se presta por igual ao Verbo Encarnado, ao Pai e ao Espírito Santo, e favorece-o poderosamente». Encontra a sua expressão nas festas litúrgicas dedicadas à Mãe de Deus e na oração mariana, como o santo rosário, «resumo de todo o Evangelho».



## III. Maria – ícone escatológico da Igreja

**972.** Depois de termos falado da Igreja, da sua origem, missão e destino, não poderíamos terminar melhor do que voltando a olhar para Maria, a fim de contemplar nela o que a Igreja é no seu mistério, na sua «peregrinação da fé», e o que será na pátria ao terminar a sua caminhada, onde a espera, na «glória da santíssima e indivisa Trindade» e «na comunhão de todos os santos», Aquela que a mesma Igreja venera como Mãe do seu Senhor e como sua própria Mãe:

«Assim como, glorificada já em corpo e alma, a Mãe de Jesus é imagem e início da igreja que se há de consumir no século futuro, assim também, brilha na terra como sinal de esperança segura e de consolação, para o povo de Deus ainda peregrino».

### Resumindo:

**973.** *Ao pronunciar o «Fiat» da Anunciação e dando o seu consentimento ao mistério da Encarnação, Maria colabora desde logo com toda a obra a realizar por seu Filho. Ela é Mãe, onde quer que Ele seja Salvador e Cabeça do Corpo Místico.*

**974.** *Terminado o curso da sua vida terrena, a santíssima Virgem Maria foi elevada em corpo e alma para a glória do céu, onde participa já na glória da ressurreição do seu Filho, antecipando a ressurreição de todos os membros do Seu Corpo.*

**975.** *«Nós cremos que a santíssima Mãe de Deus, a nova Eva, a Mãe da Igreja, continua a desempenhar no céu o seu papel maternal para com os membros de Cristo».*



### Revisando temas

#### Dois significados, uma só realidade

As relações de Maria com a Igreja do presente decorrem da união singular de Maria com o Filho na vida terrena e celeste. “O papel de Maria para com a Igreja é inseparável de sua união com Cristo, decorrendo diretamente dessa união” (964).

A relação de Maria com o Filho tem algumas características que qualificam e explicam a relação materna de Maria com a Igreja.

Primeiramente a relação é de **união espiritual mediante a fé** (cf. 494). Ela é a nova Eva que, desde a concepção virginal, se tornou, com a sua obediência de fé, a “mãe de todos os viventes”. Essa maternidade se manifesta ao pé da cruz.

A união de Maria com Cristo é **atuante e operativa** (cf. 964). Tendo colaborado na salvação, que é obra de regeneração, Maria pode ser declarada como mãe dos que são salvos. Foi o próprio Filho Crucificado que nos deu Maria por nossa Mãe (cf. Jo 19,26). A verdadeira identidade de Maria na história da salvação é a de ser mãe dos discípulos de Cristo, representados pelo discípulo amado. Como ele, nós devemos acolher Maria na comunhão de fé e de amor.

A união de Maria com o Filho é **permanente**, uma vez que se estende desde o momento da concepção virginal de Cristo até a sua morte (cf. 964). Tal união, porém, se prolonga pela eternidade com a assunção de Maria, que é “singular participação na ressurreição de seu Filho e antecipação da ressurreição dos outros cristãos” (966).

A santidade de Maria é uma **santidade exemplar** (cf. 967) e concerne à Igreja. Trata-se de uma santidade totalmente em benefício da Igreja. De fato, na comunhão dos santos, essa santidade privilegiada de Maria é comunicada a todo o corpo da Igreja, o que faz subsistir a união dos cristãos com a toda santa para além da morte.

Maria colabora com fé e com disponibilidade consciente na obra da redenção. Ora tal obra consiste na regeneração (novo nascimento) na ordem da graça, por isso Maria **colabora pessoalmente** nessa regeneração na ordem da graça. Nisso consiste a maternidade de Maria: na cooperação com Cristo no Espírito no renascimento dos filhos de Deus.

A **maternidade na ordem da graça** é um dom suscitado por Deus como participação da única mediação de Cristo. Nesse sentido, o catecismo afirma com clareza que a mediação da graça é única: **Cristo é o único mediador**.

Por que então chamamos Maria de mediadora?

É importante eliminar a impressão de que a ação de Maria na ordem da graça constitua uma mediação paralela, alternativa e, pior ainda, concorrente à única mediação de Cristo. Nesse sentido, o Catecismo indica com exatidão: “a missão materna de Maria em favor dos homens de modo algum obscurece nem diminui a mediação única de Cristo, ao contrário, mostra a sua eficácia” (970). Em outras palavras, a função mediadora de Maria consiste em ser uma mediação secundária, participada e subordinada à única mediação de Cristo. Reconhecer essa mediação de Maria significa reconhecer que a mediação de Cristo não ficou sem efeito em Maria. A única Mediação de Cristo não nega a mediação secundária, participada e subordinada de Maria; pelo contrário, a sustenta e a suscita.

